

FICHA INFORMATIVA 4 – INCULTURAÇÃO E INTERCULTURAÇÃO

Evangelii Gaudium defende a necessidade da inculturação não como uma simples técnica pastoral, mas como uma dimensão essencial e inescapável da "Igreja que avança". A inculturação é a forma como o Evangelho, pela sua natureza dinâmica e frutífera, encontra verdadeiramente os corações dos povos. Uma Igreja que "sai" não encontra um mundo abstrato, mas sim pessoas concretas, moldadas por uma cultura. O alcance missionário implica, pela sua natureza, o encontro com a diversidade cultural. A passagem do EG 116 é fundamental:

Nesta exortação repeti várias vezes que devemos estender a mão a todos, sem nos deixar condicionar pelo facto de pertencermos a um determinado ambiente ou adotarmos certos costumes. Digo agora que em cada povo e em cada cultura o Evangelho é fértil e dinâmico se for recebido com o coração aberto. A graça **pressupõe a cultura**, e o dom de Deus encarna-se na cultura daqueles que a recebem.

Francisco estabelece um princípio teológico: "a graça pressupõe a cultura". Assim como a Palavra de Deus se encarnou numa cultura e época específicas (a judaica do primeiro século), assim a graça do Evangelho hoje deve ser encarnada nas culturas daqueles que a recebem. Uma Igreja que não se incultura, não está verdadeiramente "a avançar", mas permanece à margem, alheia à vida dos povos.

Além disso, o EG contrasta a inculturação com duas derivas: o proselitismo sectário e a imposição de um único modelo cultural. A inculturação é um processo de respeito mútuo, diálogo e fertilização. Uma proclamação que impõe uma forma cultural estrangeira (por exemplo, um "Cristianismo Europeu") é contrária ao Espírito do Evangelho. É uma forma de controlo espiritual. A inculturação, por outro lado, é um ato de confiança no Espírito Santo, que já atua nas culturas anteriores à nossa chegada. Isto não é uma via de sentido único. É um processo dinâmico em que a Igreja dá o Evangelho e, ao mesmo tempo, recebe das culturas novas riquezas para o expressar. Por um lado, o Evangelho traz uma nova luz para purificar e realizar aquilo que é bom e verdadeiro que já existe numa cultura. Por outro lado, as diferentes culturas, com os seus valores e sabedorias, ajudam a Igreja a compreender e viver a plenitude do Evangelho de forma mais enriquecedora. Finalmente, Francisco defende a inculturação com um princípio de eficácia pastoral e respeito pelo outro. A mensagem deve ser proclamada numa "linguagem" que as pessoas possam compreender, não só linguisticamente, mas também ao nível dos símbolos, categorias mentais e sensibilidades.

A inculturação não é, portanto, opcional para especialistas, mas sim o próprio sopro de uma Igreja missionária que, ao sair de si mesma, reconhece que o Espírito Santo já preparou o terreno e que a salvação de Deus está destinada a vestir as roupas de todas as culturas da terra. Numa dinâmica de reciprocidade, a inculturação é um processo que também pode ser descrito como "interculturação" – na perspetiva da chamada missão "*inter gentes*" – em que o Evangelho, ao encarnar-se numa nova cultura, enriquece a sua própria expressão. A cultura que recebe o Evangelho é purificada e elevada, enquanto a Igreja universal, observando como o Evangelho ganha vida numa nova cultura, aprofunda a sua compreensão da fé. Até as culturas de origem dos missionários (por exemplo, a europeia) são questionadas e enriquecidas pelo encontro.

Dois contributos ajudam a reflexão pessoal. **Carmelo Dotolo** oferece-nos uma reflexão sobre a requalificação da missão através das dinâmicas da inculturação/interculturação; **Paolo Consonni** partilha a experiência do Instituto na Ásia, na perspetiva do diálogo e da interculturação.

Dia da Comunidade – O Nosso Estilo de Missão

Depois de reservar tempo para leitura pessoal e reflexão sobre os três ensaios curtos relacionados com este tema, a comunidade dedica um dia à reflexão, partilha e discernimento comunitário.

No coração da reflexão pessoal (1 hora)

As percepções oferecidas pelo programa FP sobre este tema abordaram diferentes aspetos da missão Comboniana em relação à inculturação do Evangelho. Cada membro da comunidade é convidado a recordar a **experiência da missão** em que experienciou a dinâmica da encarnação do Evangelho noutra cultura e/ou a experiência de se permitir evangelizar no encontro com outra cultura. Deve ser dado tempo para a reviver através de um olhar contemplativo, procurando ver a presença do Senhor no desenrolar da história. Depois, num ambiente de oração, reflita:

- = Como é que os estímulos propostos por contribuições escritas – ou outras percepções pessoais – se comunicam com essa experiência?
 - podiam ser ideias sobre as experiências da inculturação...
 - ou talvez sobre a interculturação...
- = O que é que o Espírito lhe sugere através desta nova consciência do estilo de missão da sua comunidade hoje?

Discernimento comunitário¹

- = Invocação ao Espírito
- = Pergunta generativa: *A partir da reflexão em oração sobre a sua experiência de inculturação/interculturação, o que sugere o Espírito sobre o estilo de missão da nossa comunidade?*
- = Silêncio²
- = Primeira ronda de partilha: (30 minutos)
 - > Cada um oferece a sua própria resposta à pergunta em consideração (máximo 2–3 minutos)
 - > Não há comentários nem reações, apenas ouço atentamente
 - > Um momento de silêncio entre a partilha de uma pessoa e a da outra
 - > Pode ser útil anotar o que lhe acontece durante as ações
- = Segunda ronda de partilha: (30 minutos)

¹Indicações para comunidades com até 5-6 membros. No caso de comunidades maiores, este exercício pode ser realizado em pequenos grupos. Nesses casos, no final da terceira ronda de partilha, haverá um espaço para partilhar os resultados do trabalho em grupo.

²Propósito do Silêncio:

- = Descida ao coração: Passagem da agitação mental para a recordação interior.
- = Ouvir Deus: Criar o espaço interior para ouvir o movimento subtil do Espírito, para além dos próprios preconceitos.
- = Purificação da intenção: Pergunte-se "O que queres, Senhor, que eu ouça ou diga para o bem da missão enquanto comunidade?".

- > *O que ouviste ou percebeste dos outros do teu grupo? O que te move o Espírito a partilhar o que ouviste?*
- > Já não se trata do que pensas, é do que ouviste dos outros membros do grupo
- > Não há comentários nem reações, apenas ouço atentamente

= Terceira ronda de partilha: (30 minutos)

- > *Que estilo missionário, em linha com o carisma combieniano, está o Senhor a pedir-nos hoje enquanto comunidade? O que é que o Espírito nos está a dizer enquanto grupo?*
- > No final da partilha, no diálogo, a comunidade tenta focar-se numa ação a ser posta em prática, em resposta aos convites do Espírito
- > Um secretário regista o que o grupo decide em conjunto como 1–2–3 pontos-chave
- > Verificação do consenso: reconhecemo-nos, enquanto comunidade, nestes pontos-chave a serem postos em prática?
- > Quando o grupo termina, um voluntário encerra a conversa com uma oração de ação de graças

A celebração

- = A comunidade agradece na Eucaristia, preparando-a com animação *Ad hoc*
- = Aproveite as possibilidades que a liturgia oferece para celebrar de forma significativa os frutos da reflexão e discernimento comunitário
- = Considere usar sinais significativos
- = A experiência e as esperanças da comunidade devem ser levadas à oração